

Processos de concepção da exposição “Vivências Indígenas na Pandemia da Covid-19”

Concept processes for the exhibition “Indigenous Experiences in the COVID-19 Pandemic”

Enviado em: 27-11-2024

Aceito em: 12-01-2025

Mariana Brauner Lobato¹

Miriã da Mota de Souza²

Camila de Macedo Soares Silveira³

Daniel Maurício Viana de Souza⁴

Resumo

O presente artigo tem como objetivo descrever o processo de criação, desenvolvimento e implementação de “Vivências Indígenas na Pandemia da Covid-19”. A exposição surgiu da necessidade identificada pelo Museu Diários do Isolamento (MuDI), vinculado a Universidade Federal de Pelotas, de tratar a temática da pandemia da covid-19 através do recorte social de pessoas indígenas. A exposição têm como base no evento “Memórias e Vivências Indígenas na Pandemia do Covid-19”, desenvolvido pela curadoria da exposição em parceria com o MuDI, o projeto Cine Museu (vinculado à graduação em Museologia) e com o Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Assim, buscou-se fomentar as discussões acerca da temática, além de promover o acesso da exposição, atualmente disponível no meio virtual.

Palavras-Chave: Museu, Povos Indígenas, Pandemia de covid-19

Abstract

This article aims to describe how the process of creation, development and implementation of the exhibition called “Indigenous Experiences in the Covid-19 Pandemic” took place. The exhibition arises from the need identified by the Diário do Isolamento Museum, linked to the

¹ Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural pelo Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas - UFPEL, pesquisa financiada pela CAPES (2022-2024). Graduada em Museologia (Bacharelado) pela Universidade Federal de Pelotas - UFPEL (2022); marianabl1897@gmail.com.

² Mestranda em Memória Social e Patrimônio Cultural pelo Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas - UFPEL, pesquisa financiada pela CAPES (2023-2025). Graduada em Museologia (Bacharelado) pela Universidade Federal de Pelotas - UFPEL (2022); miria.mota.2012@gmail.com.

³ Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural pelo Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas - UFPEL, pesquisa financiada pela CAPES (2022-2024). Graduada em Museologia (Bacharelado) pela Universidade Federal de Pelotas - UFPEL (2021); msscмила@hotmail.com.

⁴ Doutor em Sociologia pelo Programa de PPGS da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, com período sanduíche no Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade de Lisboa (2016). Mestre em Ciência da Informação pelo Programa de PPGCI - IBICT/UFF (2007). Graduado em Museologia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO (2004); danielmvsouza@gmail.com.

Federal University of Pelotas, to address the issue of the covid-19 pandemic, through the social profile of indigenous people. The exhibition is based on the event “Indigenous Memories and Experiences in the Covid-19 Pandemic”, which was developed by the exhibition curators, in a partnership between MuDI, the Cine Museu project, linked to the degree in Museology and also the Program Postgraduate Course in Social Memory and Cultural Heritage. Thus, we seek to encourage discussions on the topic, in addition to promoting access to the exhibition, currently available online.

Keywords: Museum, Indigenous Peoples, Covid-19 pandemic.

Introdução

Este artigo explora os processos de criação e curadoria da exposição virtual “Vivências Indígenas na Pandemia da covid-19”, realizada pelo Museu Diários do Isolamento (MuDI) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), com curadoria de Camila de Macedo Soares Silveira, Mariana Brauner Lobato e Miriã da Mota de Souza, e com a participação do Diretor do Museu Daniel Maurício Viana de Souza. A exposição surgiu como desdobramento do evento “Memórias e Vivências Indígenas na Pandemia da Covid-19”, promovido pela equipe curatorial. Esse evento, além de inspirar a exposição, foi marcado por debates enriquecedores que abordaram perspectivas indígenas sobre os impactos da pandemia. A exposição reflete essas discussões, integrando relatos, reflexões e contribuições contínuas, reforçando seu caráter dinâmico e em constante construção, como um espaço de diálogo que acolhe novas vozes e narrativas.

O artigo tem como objetivo principal analisar o processo de criação e curadoria da exposição virtual “Vivências Indígenas na Pandemia da Covid-19”. Este, esmiuça-se e complementa-se nos seguintes objetivos específicos: explorar como o evento “Memórias e Vivências Indígenas na Pandemia da Covid-19” inspirou e influenciou sua concepção; dar visibilidade às vivências das comunidades indígenas durante a pandemia, abordando os desafios enfrentados e as desigualdades sociais exacerbadas pela crise sanitária; ressaltar o caráter dinâmico da exposição como um espaço de construção contínua; e reforçar o papel do MuDI como um espaço virtual comprometido com o diálogo entre universidade e sociedade, destacando sua função na democratização do conhecimento e na valorização de figuras historicamente marginalizadas.

A metodologia deste artigo combina abordagens qualitativas e descritivas, orientadas pela análise documental e pelo estudo de relatos orais. Foram analisados os discursos apresentados durante o evento “Memórias e Vivências Indígenas na Pandemia da Covid-19”, incluindo falas dos participantes e materiais visuais compartilhados, como vídeos e fotografias. Além disso, a pesquisa considerou o estudo do processo de desenvolvimento da exposição virtual “Vivências Indígenas na Pandemia da Covid-19”, como a construção da narrativa da exposição, a seleção de temas e materiais. A curadoria e a produção da **Revista Memória em Rede, Pelotas, v.17, n.32, Jan/Jun 2025 – ISSN- 2177-4129** <http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Memoria>

exposição foram analisadas como um espaço de construção coletiva, refletindo as necessidades de visibilidade das experiências indígenas em um contexto de vulnerabilidade. Esse aspecto da metodologia buscou compreender como a exposição, além de ser um produto cultural, se constituiu também como um processo contínuo de diálogo e reflexão, promovendo assim a troca de saberes.

Inaugurada em 19 de agosto de 2024, a exposição busca relatar alguns dos acontecimentos mais marcantes no Brasil durante a pandemia, com foco nas experiências das comunidades indígenas. A escolha desse recorte se justifica pela relevância de abordar as múltiplas desigualdades sociais evidenciadas pela crise sanitária, que atingiu de maneira diferenciada diversos grupos sociais. A pandemia de covid-19, declarada emergência global devido à sua rápida disseminação, trouxe à tona uma série de desafios estruturais em âmbitos como saúde, economia e direitos humanos, além de reforçar dinâmicas históricas de exclusão.

Entre as medidas de controle da doença, o isolamento social destacou-se como uma das principais estratégias para conter a propagação do vírus, dadas as altas taxas de transmissibilidade por contato. No entanto, a possibilidade de aderir ao isolamento, bem como o acesso a medicamentos e a serviços de saúde, não foi uniforme entre os diferentes estratos sociais. Grupos vulneráveis, como trabalhadores essenciais e populações indígenas, enfrentaram condições adversas. Profissionais da saúde, por exemplo, permaneceram na linha de frente do enfrentamento à pandemia, muitas vezes sem acesso a equipamentos de proteção adequados. Já as comunidades indígenas, além do risco direto de contaminação, vivenciaram o agravamento de problemas estruturais, como a precariedade no atendimento à saúde, a falta de saneamento básico, a invasão de territórios e o enfraquecimento de políticas públicas específicas.

Nesse contexto, o MuDI, como museu de virtuais conexões, reconheceu a importância de dar visibilidade às narrativas indígenas durante a pandemia, ampliando o alcance das vozes e das histórias dessas comunidades. Vinculado ao Núcleo de Estudos Sobre Museus, Ciência e Sociedade (NEMuCS), do Departamento de Museologia, Conservação e Restauro da UFPEL, o MuDI se configura como um espaço virtual dedicado à promoção do diálogo entre a universidade e a sociedade. Partindo do princípio de que as ciências mudam a vida e o diálogo muda a sociedade, o Museu busca repensar as relações sociais, construir novas conexões de memória e contribuir para mudanças estruturais.

Ao estruturar a narrativa da exposição, o MuDI buscou enfatizar a pluralidade das vivências indígenas, promovendo uma abordagem crítica e reflexiva. Nesse sentido, a exposição não se limita a uma representação documental, mas busca ser um espaço de diálogo, que incite reflexões sobre a desigualdade, os direitos indígenas e a intersecção

entre ciências, sociedade e memória. Por meio dessa iniciativa, o MuDI reafirma seu compromisso com a democratização do conhecimento e com a valorização de histórias que muitas vezes permanecem à margem dos discursos oficiais.

O Museu e a Exposição Vivências Indígenas na Pandemia

O Museu Diários do Isolamento (MuDI) surgiu no contexto da pandemia da covid-19, durante o período de isolamento social, uma das principais medidas adotadas para conter o avanço do vírus, como o próprio nome do museu indica. O Museu é vinculado à Universidade Federal de Pelotas por meio do Instituto de Ciências Humanas, e foi criado pela portaria nº 2073, de 15 de dezembro de 2021. Trata-se de um museu virtual, com sede na plataforma WordPress, encontrado através do endereço <https://acervosvirtuais.ufpel.edu.br/mudi/>. Apesar de ter sede no WordPress, o Museu também utiliza outras redes sociais, em destaque o Instagram e o YouTube, como ferramentas ativas de comunicação direta com o público e divulgação do conteúdo disposto no site.

O MuDI tem como missão construir, de forma colaborativa, uma memória viva e dinâmica acerca da pandemia da covid-19. Também se propõe a ser um espaço democrático que propicia a comunicação sobre a importância da ciência como uma atividade de produção do conhecimento consistente. Do mesmo modo, é capaz de proporcionar o embasamento e disseminar a conscientização da sociedade em geral em relação aos impactos causados pela pandemia, como também sobre os desafios que permeiam o contexto pós-pandêmico (TENOTTI *et al.*, 2021).

Considerando a tipologia de um museu universitário, são desenvolvidas diversas atividades que abrangem a pesquisa e a extensão universitária. Dentro deste contexto, já foram desenvolvidas algumas exposições e eventos com a temática da pandemia, buscando sempre disseminar o conhecimento e por vezes conscientizar a população sobre as falsas notícias e sobre a vacinação. Durante o ano de 2023 o Museu realizou uma parceria com os coletivos Marielle Franco (IFRS/Alvorada-RS), Mulheres Negras Sueli Carneiro (FFLCH-USP) e o Coletivo Feminista Lélia Gonzalez (FFLCH-USP), junto com o Movimento Negro Unificado (MNU/RS). Essa cooperação teve como produto uma roda de conversa denominada “Mulheres Negras na Pandemia: Trabalho Precarizado e Exposição a Violências”, que aconteceu em formato virtual, e foi transmitida pelo canal do Museu no YouTube⁵.

⁵ O registro “Mulheres Negras na Pandemia: Trabalho Precarizado e Exposição a Violências” está disponível através do endereço: <<https://www.youtube.com/watch?v=tjuT5NXLfWM>>. Acesso em 19 de novembro de 2024.

Outro evento produzido pela instituição, também no formato virtual, foi o movimento “Memórias do Isolamento”⁶, composto de relatos em formato de vídeo com pessoas de diferentes recortes da sociedade, tais como líderes religiosos, agentes comunitários, representantes de movimentos sociais, entre outros. Por meio do formato entrevista buscou-se registrar experiências vividas durante o isolamento da pandemia da covid-19, além de entender como as respectivas comunidades em que estão inseridos os entrevistados se adaptaram ao período pandêmico. Estas informações compõem uma das vertentes da exposição de longa duração disponível no site do Museu.

A roda de conversa “Diálogos Pós-Pandêmicos: Vivências Negras” foi realizada pelo MuDI de forma presencial no Museu do Doce da UFPEL, ao contrário das propostas anteriores. O evento fez parte de uma das atividades que integraram a 17ª Primavera dos Museus e já contava com a atuação da curadoria da exposição a que se dedica este artigo. Através da mediação dessa roda de conversa foi possível tratar de questões sociais e culturais que permearam os relatos dos convidados sobre o período pandêmico.

Após seis meses, dentro do segmento de atividades relatado, no início do mês de março de 2024, surge o evento “Memórias e Vivências Indígenas na Pandemia de Covid-19”. Através de uma parceria entre o MuDI, o projeto Cine Museo⁷ e o Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, o evento surge como necessidade de diálogo acerca das vivências indígenas no contexto epidêmico, sendo semelhante à roda de conversa que tratou das vivências negras na pandemia, desenvolvido anteriormente. O evento foi dividido em duas tardes subsequentes, de forma presencial no auditório do Museu do Doce da UFPEL, localizado no centro histórico da cidade de Pelotas - RS.

O primeiro dia contou com uma sequência de três palestrantes, sendo eles: Reinaldo Tillmann, um ativista social e indigenista, mestre em Desenvolvimento Social e Educação, além de professor aposentado da Universidade Católica de Pelotas em Direito Público; Gildo Gomes da Silva, Cacique da Aldeia Guarani Tekoa Para Hoke; Jorge Eremites de Oliveira, Doutor em História e Arqueologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e docente da UFPEL.

Tillmann trouxe à tarde de palestras a força das “Resistências Indígenas”, uma fala que transcendeu a experiência pessoal e expressou a realidade compartilhada por diversas

⁶ No MuDI, os chamados Movimentos são seções expositivas que, embora possuam um caráter “permanente”, fundamentam-se nos conceitos de fluxo e processo. Conceitualmente, representam espaços dinâmicos, nos quais a estaticidade não tem lugar. Nesse contexto, a ideia de museu virtual não se configura como uma oposição ao real ou concreto, mas como a expressão de potencialidades que exploram devires e fluxos contínuos.

⁷ Este projeto de extensão é vinculado ao curso de graduação em Museologia da UFPEL. Nele são escolhidos filmes e documentários para serem exibidos na universidade e propostos debates a partir dos mesmos.

comunidades indígenas durante a pandemia. Com o apoio de vídeos e fotos, como mostra a Figura 1, sua apresentação não apenas relatou sua atuação humanitária, mas também revelou as complexas relações políticas e sociais que impactaram diretamente os povos indígenas. Tillmann destacou o esforço coletivo na cooperação entre o Conselho Indigenista Missionário (CIMI), a UFPEL e a Arquidiocese de Pelotas para organizar, arrecadar e distribuir alimentos e produtos de higiene às aldeias, sempre com cuidados rigorosos para evitar o contágio.

Sua narrativa expôs as dificuldades enfrentadas para realizar as doações, marcadas por barreiras logísticas e pela necessidade de construir confiança com as comunidades, como na aldeia do cacique Gildo Gomes da Silva. Mais do que um relato individual, sua fala simbolizou a articulação de redes de solidariedade que buscaram apoiar as aldeias em um momento de extrema vulnerabilidade. Além disso, Tillmann atuou como elo entre diferentes esferas, contribuindo ativamente para a organização do evento ao sugerir palestrantes e obras cinematográficas que enriqueceram os debates. Em sua voz, ressoaram as lutas, desafios e resistências coletivas dos povos indígenas, reafirmando a importância da ação conjunta e do reconhecimento da força dessas comunidades em tempos de crise.

Figura 1: Fala do Tillmann



Fonte: Acervo do MuDI

Gildo Gomes da Silva, Cacique da Aldeia Guarani Tekoa Para Hoke, localizada na cidade de Rio Grande - RS, trouxe em sua fala a força coletiva de sua comunidade, utilizando uma abordagem informal e orgânica que refletia a vivência compartilhada de seu povo. Sem recorrer a recursos audiovisuais, Gildo relatou momentos de grande dificuldade enfrentados por sua aldeia durante a pandemia, como a escassez de alimentos, a interrupção das atividades econômicas e o impacto emocional do isolamento. Ele destacou o espanto e a preocupação dos moradores diante da chegada de pessoas equipadas com EPIs para entregar mantimentos, bem como a desconfiança inicial em relação à vacinação, já que foram os primeiros⁸ a recebê-la, enfrentando temores de serem tratados como “cobaias”.

Figura 2: Fala do Gildo



Fonte: Acervo do MuDI.

Gildo também apontou os desafios vividos pelos jovens da aldeia, como a interrupção dos estudos universitários devido à falta de acesso à internet, evidenciando uma desigualdade que transcende o individual e afeta o futuro coletivo da comunidade. Ao compartilhar que sua irmã, formada em Enfermagem, retornou à aldeia para fortalecer o

⁸ A população indígena fez parte dos grupos prioritários do Plano Nacional de Operacionalização da Vacinação Contra a covid-19 devido à sua alta vulnerabilidade epidemiológica, condições precárias de acesso à saúde e saneamento, e risco agravado de transmissão em comunidades remotas.

sistema de saúde local, ele exemplificou como o acesso à educação pode se traduzir em benefícios concretos para o bem-estar coletivo. Sua fala, acompanhada pela presença de sua esposa e filha, trouxe à tona não apenas memórias pessoais, mas experiências que representam a luta, a resiliência e as estratégias de sobrevivência da comunidade Tekoa Para Hoke. Completando as reflexões iniciadas por Tillmann, Gildo conectou suas narrativas às questões estruturais que marcaram o período da pandemia, reforçando seu papel como liderança que dá voz aos desafios e às conquistas de seu povo.

O professor Eremites, em sua apresentação denominada “Povos Indígenas, Saberes Tradicionais e a Pandemia de covid-19”, utilizou de recursos visuais como forma didática, sua fala é representada através da Figura 3. Em sua apresentação descreveu sua jornada durante a pandemia, percorrendo sozinho diversas comunidades indígenas do Rio Grande do Sul e do Mato Grosso do Sul distribuindo máscaras e álcool gel entre comunidades Mbyá, Terena e Guató. Durante sua fala destacou as diferenças na experiência da pandemia identificadas entre as comunidades percorridas, evidenciando uma em especial, na qual ninguém havia falecido em decorrência do vírus da covid-19. “A cura está lá, professor”, disse alguém dessa aldeia enquanto apontava para o mato. Para aquela comunidade, sua gente fortaleceu sua imunidade e se reforçou sua proteção contra os efeitos do vírus através de uma composição de ervas.

Figura 3: Fala do Eremites



Fonte: Acervo do MuDi.

No segundo dia, o evento contou com uma exibição audiovisual, em parceria com o projeto Cine Museo. Como abertura, foi apresentado o curta “Como a pandemia atinge quem vive em terras não demarcadas?”, sendo seguido do filme “A Última Floresta”, com seu olhar genuíno sobre a cultura Yanomami, instigou discussões sobre a relação entre o ambiente natural e a vida cotidiana dos povos indígenas, bem como as ameaças à sua existência causadas pela invasão de seus territórios e pela exploração de recursos naturais. A presença do xamã Davi Kopenawa, como roteirista, foi vista como uma maneira de dar visibilidade ao ponto de vista indígena sobre o que significa ser Yanomami no Brasil contemporâneo, destacando a luta pela preservação da floresta e da identidade cultural.

A equipe responsável pela curadoria de “Memórias e Vivências Indígenas na Pandemia de Covid-19” foi a mesma que trabalhou na exposição, o que possibilitou um grande aprofundamento na coleta e utilização das informações presentes nas falas dos palestrantes, nos filmes e nos debates. Embora o evento seja abordado como um dos nichos⁹ na exposição, foi a partir dele que os demais nichos temáticos foram concebidos; ou seja, a exposição como um todo deriva diretamente do evento em questão. Foi nesse momento que se deu a concepção inicial da exposição, desenvolvida por meio de uma pesquisa sobre o tema em sites, jornais e outros veículos de informação online.

Processo de Curadoria e Concepção da Exposição

Para a decisão da temática desta exposição, foram organizadas reuniões com a equipe do MuDI, onde alguns temas necessários, que já haviam sido elencados em momentos anteriores, foram propostos novamente por alunos e professores. O tema primário foram as vivências indígenas na pandemia, o contexto histórico, local e nacional que envolve esses povos no período da pandemia, disputas por território em meio ao isolamento, resistência, além das contribuições científicas de pessoas indígenas foram os temas secundários que permeiam o tema central. Portanto, já se configurava como uma demanda interna do MuDI o desenvolvimento de uma exposição que tratasse sobre a questão indígena durante a pandemia, já que esses grupos vivenciaram essa catástrofe de forma diferente. Vale ressaltar que, durante o auge da pandemia de covid-19, muitos povos indígenas enfrentaram diversas calamidades, como insegurança alimentar, risco de perda de seus territórios e dificuldades no acesso à saúde, entre outras. Embora essas questões já fossem problemas recorrentes para algumas comunidades, a pandemia agravou

⁹ A exposição, a ser descrita adiante, foi dividida em “nichos”, como unidades de subdivisões temáticas dentro do espaço expositivo. Cada nicho organiza e apresenta conteúdos relacionados a um tema central, permitindo uma abordagem segmentada e mais aprofundada sobre diferentes aspectos do tema geral da exposição. Eles facilitam a compreensão do público ao estruturar o conteúdo de forma lógica e visualmente separada.

significativamente essas situações, intensificando as vulnerabilidades já existentes.

Para além do momento singular que foi o período da pandemia, os povos indígenas já sofriam diversas condições de exclusão histórica. Lutando cotidianamente para preservar seu modo de vida, são povos que sofrem pelo apagamento sistemático desde a invasão das embarcações dos colonizadores portugueses. Portanto, o objetivo foi relatar alguns acontecimentos que ocorreram com as comunidades indígenas durante a pandemia, questões como a vacinação, como foram afetados pelas medidas de contenção, o contexto social e político e para além do combate à contaminação pela doença. A temática da exposição também visa valorizar a pluralidade dos povos indígenas no Brasil, com destaque para o Rio Grande do Sul. Para cumprir esta missão foi realizada, após e com base nos relatos do evento inicial, uma pesquisa aprofundada e detalhada. Desta forma, se exigiu organização das informações a serem aplicadas no site expositivamente, de maneira coesa, por intermédio dos nichos temáticos, que possibilitaram uma forma de compreender a mensagem a ser passada.

A identidade visual criada para a exposição foi pensada desde a criação do conteúdo que seria exposto no site e no Instagram do Museu. Conforme Lewis (2015), os museus no formato virtual disponibilizam novas formas de comunicação em diversos formatos, agrupando em um só local imagem, som, textos e vídeos, de maneira a reproduzir a herança cultural de forma mais acessível. Para tal, utilizamos o conceito de “design integral”. Através dele, pensamos no equilíbrio entre informação e visualização, criando um ambiente para que o usuário acesse a informação de forma agradável, destacando a estética como ferramenta para isso (HERREMAN, 2015).

Considerando a densidade informacional que permeia o tema, foi pensada uma visualização leve, que informasse o público de forma consistente, conforme a missão do MuDI, mas sem pesar o olhar com o excesso de grandes caixas textuais. Assim, optou-se pela criação de nichos temáticos, com uma indicação de sequência, mas permitindo a liberdade de escolher qual percurso seguir. A página inicial contém um pequeno texto de apresentação com linguagem breve. Ao final do texto, identificam-se os três nichos expositivos, através de botões clicáveis que direcionam o usuário até uma nova página. Isso foi definido para que o público não se deparasse com uma página extensa demais, ao ponto de ocorrer o desinteresse antes do final da exposição. Além disso, propor a opção de todos os nichos equiparados permite que cada usuário crie seu roteiro expositivo - conforme imagem abaixo na Figura 4, apesar de seguir uma ordem sequencial, um link ou botão ao lado de outro, o usuário tem liberdade para acessar qualquer um deles de acordo com seu interesse. Em todas as páginas de acesso é possível fazer essa escolha de forma sequencial ou não.

Figura 4: Botões de acesso aos nichos expositivos.



Fonte: Página de abertura da exposição. Disponível em: <https://acervosvirtuais.ufpel.edu.br/mudi/abertura-vivencias-indigenas-na-pandemia-de-covid-19/>.

O primeiro nicho denominado “Memórias e Vivências Indígenas na Pandemia de Covid-19”, sintetiza o evento que antecedeu a exposição. Aqui foram retratados trechos das falas dos palestrantes Gildo Gomes, Reinaldo Tillmann e Jorge Oliveira, junto com imagens e pequenas biografias de cada um. Ao final da página foram inseridos os endereços do documentário e do filme, exibidos no segundo dia, cabe salientar que o material audiovisual foi sugerido pelo palestrante Reinaldo Tillmann. Mas, o filme “A Última Floresta” foi escolhido considerando seu retrato anterior a pandemia, além de ser um material produzido por indígenas desde a concepção até a atuação. No filme é possível ver a rotina do povo Yanomami antes da pandemia, pelo olhar do próprio povo, esse tipo de conteúdo ainda é escasso. O layout dessa página foi pensado de forma dinâmica para que as imagens e os textos se misturassem e não carregassem o olhar. Essa quebra do texto é representada na Figura 5, nela identificamos um texto reduzido contendo informações de um dos palestrantes, o Gildo. No texto temos trechos de sua fala e uma pequena biografia, com sua imagem ao lado. A ideia de não seguir um formato fechado de texto e fotos foi pensada para proporcionar mais fluidez na leitura do público.

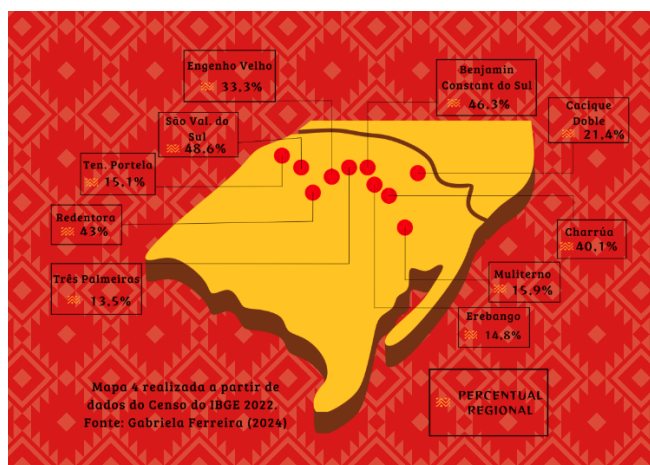
Figura 5: Layout Nicho 1



Fonte: Página do nicho 1 da exposição. Disponível em: <https://acervosvirtuais.ufpel.edu.br/mudi/nicho-1-memorias-e-vivencias-indigenas-na-pandemia-de-covid-19/>.

O segundo nicho denominado “Multiplicidade dos Povos Indígenas e Figuras de Lutas e Liderança”, conta com dados do IBGE referente aos números dos povos indígenas nos estados do Brasil e em algumas cidades do Rio Grande do Sul. Conceitualmente o nicho foi composto por diversos dados com tabelas e números, o que visualmente ficou cansativo e carregado de informações, por esta razão no lugar das tabelas optou-se pelo uso de mapas regionais para facilitar a visualização. Como exemplificado na Figura 6, utilizamos o mapa do estado do Rio Grande do Sul, para identificar as cidades do estado que possuem maior porcentagem de povos indígenas segundo o IBGE. Ao contrário da tabela, essa forma possibilita uma compreensão da localização de cada cidade dentro do estado, o que não era possível no formato anterior.

Figura 6: Mapa com dados do IBGE



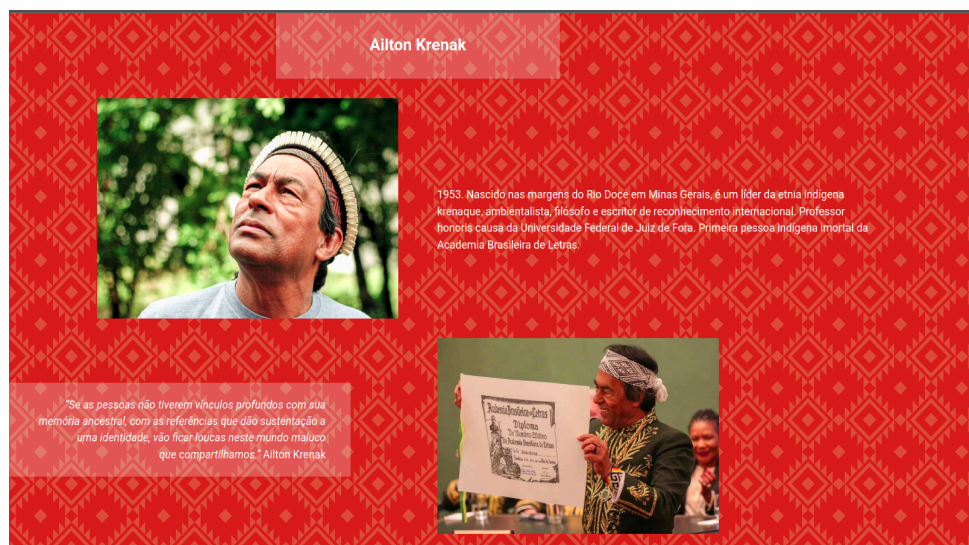
Fonte: Página do Nicho 2 da Exposição. Disponível em: <https://acervosvirtuais.ufpel.edu.br/mudi/nicho-2-multiplicidade-dos-povos-indigenas-e-figuras-de-luta-e-lideranca/>.

Configurando a temática de figuras de luta e liderança, foram selecionados pela curadoria da exposição nove pessoas que são identificados como destaques em suas áreas de atuação. Sendo eles: Ailton Krenak, Cacique Raoni, Darcy Ribeiro, Berta Ribeiro, Mário Juruna, Joênia Wapichana, Célia Xakriabá, Sonia Guajajara, Davi Kopenawa. A escolha destes nomes foi deliberada a partir de algumas questões como a necessidade de representar que a luta a favor dos povos indígenas e suas demandas não é meramente do interesse de indígenas, mas um movimento social que todos devemos participar. Visando lembrar que este movimento não é algo novo, por isso torna-se necessário citar alguns nomes que foram considerados referências historicamente. O destaque para posições e cargos políticos também foi referenciado levando em consideração a criação do Ministério dos Povos Indígenas, criado em 2023 no governo Lula logo após o governo de Bolsonaro

que foi presidente durante a pandemia de covid-19, e que naquele momento colocou em risco toda a população pela descredibilização da pandemia. Nesse sentido os nomes que agiram na pesquisa e promoção da cultura e pautas indígenas foram selecionados para compor este nicho, sendo também pensado de forma colaborativa em que mais figuras históricas e atuais fossem inseridas com o desenvolver de pesquisa e ações colaborativas.

Considerando a importância de cada personagem, optamos por selecionar imagens que retratam momentos importantes na trajetória de cada um. Além da biografia, foram destacadas citações, frases ditas por cada um deles que foram relevantes para sua luta. Esse layout expográfico, visível na Figura 7, buscou misturar ainda mais as caixas de texto e imagens, pois ao contrário do primeiro nicho que retratamos apenas três personagens, os palestrantes, aqui foram retratados nove pessoas diferentes, ou seja, três vezes mais informações. Por isso o uso de mais imagens e textos ainda menores com informações biográficas e frases marcantes de cada um, proporcionou um layout mais orgânico, com menos rigidez estrutural.

Figura 7: Layout Nicho 2



Fonte: Página do Nicho 2 da exposição. Disponível em: <https://acervosvirtuais.ufpel.edu.br/mudi/nicho-2-multiplicidade-dos-povos-indigenas-e-figuras-de-luta-e-lideranca/>.

O terceiro e último nicho, se denomina “Impacto da Pandemia e Resiliência Indígena” e aborda diretamente o impacto da pandemia em algumas comunidades indígenas. Este nicho foi segmentado em três partes, a primeira relata como as aldeias receberam a notícia da pandemia e como se deu o acesso à saúde, além das condições de sobrevivência considerando a escassez de recursos e os ataques que as comunidades sofreram. Na sequência, tratamos sobre a vacinação e uma contextualização sobre a

Revista Memória em Rede, Pelotas, v.17, n.32, Jan/Jun 2025 – ISSN- 2177-4129
<http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Memoria>

população indígena ser considerada de risco. Além de alguns relatos acerca da chegada da vacina nas comunidades, sendo equiparado a outros momentos na história sobre os processos da vacinação, também destacamos o uso de conhecimentos tradicionais e os remédios alternativos permeados pela sabedoria popular.

Por fim, inevitavelmente, foi destacada a crise climática que afetou o estado do Rio Grande do Sul nos últimos anos. Aqui optamos por instigar o público através de perguntas norteadoras como: “Por que a reivindicação de terras é uma pauta recorrente para os indígenas? Qual é a relação dos indígenas com a natureza? E por que são conhecidos como protetores da natureza?”. Através destes questionamentos, ambicionou-se ressaltar a resiliência dos povos indígenas, além, é claro, de destacar a importância do papel destes povos na preservação da natureza.

Considerando a amplitude da temática da exposição, o material não ficou limitado de forma estática no site do Museu. Assim como a maioria das atividades do MuDI, a exposição foi compartilhada no Instagram, através de recortes e trechos dos nichos expositivos, com o objetivo principal de convidar o público a acessar a informação na íntegra na exposição. Cada publicação foi criada mantendo a identidade visual e iconográfica da exposição, que também foi pensada em diálogo com o evento inicial. A utilização de cores como vermelho, amarelo e preto foram escolhidas para compor a identidade visual da exposição. Foram utilizados elementos que remetem à cultura indígena, porém, em relação às imagens utilizadas nas publicações, principalmente, sempre priorizamos não alimentar estereótipos, quanto a pinturas corporais e também os adornos, sabendo da diversidade dos povos, etnias e modos de vida indígenas.

Relevância Social da Exposição

A proposta da exposição se alinha conceitualmente aos movimentos sociais indígenas que reivindicam as pautas dos povos indígenas no Brasil e na América Latina. É notável que a concentração destes movimentos sociais sempre esteve mais presente nas regiões onde se concentram as maiores comunidades indígenas. Porém, esta iniciativa tem tomado maior força com a união entre a temática e a valorização científico social dessas comunidades. No âmbito universitário, o movimento social indígena toma dois formatos: a pesquisa e a divulgação científica, no caso da exposição referida ela concebe as duas etapas do fazer ciência. De forma que não apenas pesquisa sobre a temática, mas também proporciona a disseminação desse conhecimento através da expografia e também de trabalhos como o texto aqui desenvolvido. Que busca conhecimentos de forma crítica e os exponha não somente de forma informacional mas sim dialógica e pelo viés crítico da

valorização social, visando não somente relatar números mas refletir os múltiplos olhares da sociedade sobre o assunto e referir isso no MuDI esse ideal é muito buscado pela análise e referencial de reportagens jornalísticas. Este olhar organizado pelo campo científico corrobora com um processo de valorização das culturas e identidades dos povos indígenas¹⁰ que tem sido reivindicado a muito tempo, por movimentos sociais e coletivos, certamente que este movimento surge como um sistema histórico de apagamento dessas comunidades que ocorre em escala mundial como refere a socióloga e indígena Maori, Linda Tuhiwai Smith:

El problema radica en que los constantes esfuerzos de los gobiernos, los Estados, las sociedades y las instituciones por negar la formación histórica de tales condiciones, simultáneamente han llevado a desconocer nuestros reclamos de humanidad, de ser pueblos con historia, y nos han negado todo sentido de esperanza. (SMITH, 2016, p.11)

Este trecho afirma diretamente a necessidade de que os movimentos contra a força estatal e colonial que agem cotidianamente contra a existência dos povos indígenas e sua permanência em suas terras ancestrais. Certamente que, ao fazermos o recorte temático da exposição quanto ao período da pandemia e seus resultados que agem ainda sobre estas populações, tratamos de um movimento de muita insegurança política e social, como historicamente visto de acesso a direitos humanos básicos, como terra, alimento e água potável, acrescido do momento singular de pandemia e um governo que desacreditava na necessidade de políticas sociais para este grupo populacional. E nestes períodos em que tomadas de decisões custam a vida de muitas pessoas sabemos que as escolhas são feitas ainda com base no pensamento colonial.

Ressalta-se que o período da pandemia de covid-19 também foi um momento de perda de direitos e terras para os povos indígenas do Brasil, além da perda de vidas. Desmatamentos, queimadas, desapropriação de terras e assassinatos foram denunciados nesse período, e a comoção social estava presente, observa-se que os governos, Estados e instituições se mantiveram a serviço do agronegócio e pela continuação do apagamento sistemático da realidade vivenciada por essas comunidades, conforme posicionamento político do presidente em regência na época. Pelas colocações do ambientalista indígena, Ailton Krenak:

Vemos algumas pessoas defenderem a manutenção da atividade econômica, dizendo que “alguns vão morrer” e é inevitável. Esse tipo de abordagem afeta as pessoas que amam idosos, que são avós, pais, filhos, irmãos. É uma declaração insensata, não tem sentido que alguém em sua consciência faça uma comunicação pública dizendo “alguns vão morrer”. É uma banalização da vida, mas também é uma banalização do poder da palavra. Pois alguém que fala isso está pronunciando uma condenação, tanto de alguém em idade avançada, como de seus filhos, netos e de todas as pessoas que têm afeto afeto uns com os outros. Imagine se vou ficar

¹⁰ Cabe ressaltar que a exposição foi feita para o público em geral em que alguns dos termos podem não ser considerados os mais adequados, entretanto, sua utilização se dá pela acessibilidade na informação. Sendo então escolhidos por serem os mais comuns e facilitar a busca pela temática a outros recortes sociais.

em paz pensando que minha mãe ou meu pai podem ser descartados. Eles são o sentido de eu estar vivo. Se eles podem ser descartados, eu também posso. (KRENAK, 2020, p.86)

Nesse trecho Ailton Krenak se refere diretamente ao momento da pandemia em que o chefe de Estado naquele momento era Jair Bolsonaro que, frequentemente, vinha a público minimizar os reais impactos que a pandemia estava causando no povo brasileiro. Neste sentido podemos dimensionar que o impacto da pandemia teve uma forte comoção social para além dos vitimados: ela interferiu nas relações sociais e nos ambientes de convívio e trabalho. Neste sentido podemos compreender este fenômeno de forma que:

Se a covid-19 pode ser considerada uma pandemia democrática ao atacar corpos humanos independentemente de sua classe social, a possibilidade de tratamento e de sobrevivência após o contágio é profundamente desigual, perversa e antidemocrática. A privação de direitos básicos, como acesso à água, ao sistema público de saúde, à proteção social e à moradia - para citar apenas algumas restrições - são cruciais na sobrevivência humana ao vírus. (VILUTIS, 2020, p.17-18)

Neste cenário pode-se concluir que a pandemia de covid-19, afetou a todos de forma mais ou menos profunda, mas somente algumas parcelas da população tiveram acesso a tratamento da doença e a cumprir o isolamento social, sendo assim destacou mais ainda as diferenças de classe na sociedade capitalista, garantindo tratamento e prevenção da doença aqueles que tinham recursos financeiros e a possibilidade de trabalho em casa, realidade muito diferente da maioria da população brasileira. A questão indígena nesse contexto de calamidade pública agrega ainda outros fatores já que historicamente os povos indígenas sofrem com as doenças trazidas pelos não-indígenas, vulnerabilidade é agravada pela condição de exclusão social a que eles estão até hoje submetidos no território brasileiro. As condições sociais e sanitárias a qual esse recorte da população é submetido agrava os fatores de risco durante a pandemia que preocupava o mundo inteiro, em muitas aldeias a falta de água potável e saneamento básico são fatores que os deixam mais suscetíveis a problemas de saúde. Outro fator que agravou em muito o risco que esses povos sofreram foi a constante invasão de seu território por garimpeiros, madeireiros e outros agentes externos, fator que contribuiu fortemente para propagação do vírus além dos demais problemas sociais e ambientais que estas atividades acarretam.

A questão da crise climática abordada brevemente na exposição é um assunto que envolve diretamente os povos indígenas, no Brasil este grupo compõe a principal referência sobre mundo e proteção da natureza. Já que sua forma de viver não prevê a destruição da natureza para se tornarem recursos econômicos, que por fim se tornam mercadorias para consumo com o objetivo principal de gerar lucro a partir da criação de falsas necessidades sociais.

No Brasil, enquanto governado por Jair Bolsonaro, foi amplamente observada uma falta de atenção às necessidades dos povos indígenas, com redução nos investimentos em

Revista Memória em Rede, Pelotas, v.17, n.32, Jan/Jun 2025 – ISSN- 2177-4129
<http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Memoria>

políticas voltadas para eles e atrasos na chegada de vacinas em áreas distantes. Esta atitude causou revolta entre líderes indígenas e grupos como a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB), que criticaram a falta de ação do governo em eventos nacionais e internacionais. Ao mesmo tempo, grupos de solidariedade compostos por organizações não governamentais, instituições de ensino e defensores da causa se uniram para preencher as falhas deixadas pelas autoridades, distribuindo comida, remédios e orientações sobre como se prevenir da covid-19. Posterior a este governo, é eleito para seu terceiro mandato como presidente Lula, dentre as suas primeiras disposições foi a criação de um Ministério dos Povos Indígenas, visando valorizar e proporcionar espaço e atenção para as necessidades da população indígena brasileira.

A influência da pandemia sobre as comunidades indígenas não se restringe apenas aos problemas de saúde física. A morte de muitos idosos, que são os guardiões de idiomas, narrativas e conhecimentos tradicionais, são perdas de valor incalculável. Um exemplo disso foi o caso de Aruká relatado por GORTÁZAR (2021) , que morreu pela covid-19 em 2021, foi relatado que foi utilizado o que não época chamavam tratamento precoce, adotado pelo governo Bolsonaro mas que não tinha comprovação científica de eficácia para o combate a covid-19, sendo o último homem do povo Juma, deixa suas filhas como últimas integrantes deste grupo A falta desses líderes prejudica a passagem de conhecimentos entre gerações, fundamental para a manutenção das identidades indígenas. Em contrapartida, a crise sanitária também destacou a capacidade de se recuperar dessas comunidades. Por exemplo, jovens indígenas conseguiram utilizar redes sociais e tecnologias digitais para compartilhar informações sobre prevenção, organizar campanhas de arrecadação e denunciar violações de direitos de forma articulada, um exemplo deste é o Mídia Indígena¹¹ que pelo instagram reunia várias notícias e relatos de vários locais e grupos durante a pandemia.

Este cenário reflete diretamente, o contexto histórico e social de marginalização dos povos indígenas. A covid-19 destacou não somente a falta de cuidado estrutural em relação aos povos nativos, mas também aumentou as dificuldades que eles enfrentam na defesa de suas terras e de suas culturas. Mesmo durante a crise, as comunidades indígenas demonstraram uma resposta ativa, evidenciando que ainda mantêm suas estratégias de resistência e preservação cultural, destacando seu papel como guardiões de conhecimentos e defensores de direitos essenciais.

¹¹ A associação de comunicação indígena pode ser acessada através do link:
<https://www.instagram.com/midiaindigenaoficial/>

Conclusão

A exposição “Vivências Indígenas na Pandemia da covid-19” é uma iniciativa que, como muitas outras, se enquadra em um movimento de resistência e valorização das culturas indígenas, promovido por ativistas, acadêmicos, coletivos culturais e organizações indígenas, que visa combater o apagamento histórico que os povos indígenas que, assim como muitos outros povos no mundo, sofrem pelos ideais eurocêntricos e o movimento colonial. Não basta que os países deixem de ser colônias, o pensamento colonial permanece ativo no Estado e na mentalidade de muitos agentes e indivíduos com voto e ação política. O contexto sócio-histórico que esta exposição retrata é um reflexo direto da ação do pensamento colonial, em que o Estado e seu representante maior, o então presidente Jair Bolsonaro, estava a divulgar sua posição contra o bem estar social como um todo, e especialmente aos grupos tidos como minoritários como os povos indígenas.

Com o desenvolvimento da exposição foram percebidas potencialidades e fragilidades, a serem desenvolvidas de forma mais atenta. A proposta de uma exposição virtual em si é uma potencialidade que nos possibilita, assim, extrapolar as fronteiras físicas e de temporalidade, podendo ficar disponível por mais tempo e ser acessada de qualquer dispositivo com acesso à internet. Porém uma fragilidade, é que esse acesso não pode ser considerado universal, já que o acesso à exposição depende da eficácia da divulgação da mesma, do conhecimento sobre a existência do MuDI e do acesso à internet. Para potencializar este acesso, foi realizada a divulgação da exposição nas redes sociais do museu, convidando o público para que, a partir de alguns cliques, acessar a exposição disponível no site do MuDI.

Todavia, é necessário destacar algumas limitações específicas no acesso do público de um museu universitário, mesmo que digital. O maior público que estamos atingindo é majoritariamente o universitário, apesar de que considera-se que o ambiente virtual proporcione um alcance maior de pessoas. O compartilhamento das informações do site através da rede social do museu se torna uma estratégia muito eficaz neste processo, já que através dela o compartilhamento entre usuários é mais rápido e atinge um público maior. A identidade visual foi pensada de maneira que o *design* do site e das publicações conversassem, sendo atrativa ao público, saindo do clássico branco e preto e remetendo à cultura dos povos indígenas.

A abordagem temática da exposição responde a uma necessidade social urgente. Embora a pandemia tenha sido oficialmente declarada como encerrada e a vida cotidiana de muitas pessoas tenha retornado a um suposto “normal”, essa percepção é, em grande parte, uma construção que reflete o desejo de afastar o tema do debate público, ignorando

as marcas profundas deixadas pelo período e as desigualdades nele evidenciadas e acirradas. Dentro dessa perspectiva, a exposição assume o papel de trazer à tona questões que ainda precisam ser discutidas, mesmo quando a sociedade não-indígena parece resistir em enfrentá-las. Certamente, o processo de criação envolveu escolhas criteriosas sobre o conteúdo apresentado, visando valorizar as temáticas abordadas pelos convidados no evento e os dilemas e mudanças sociais que ocorreram desde o fim da pandemia. Grande parte do material pesquisado não integrou a versão final disponível ao público, este processo é comum nos processos de curadoria e concepção e montagem de exposições e visa destacar pontos importantes da narrativa e evitar passagens repetitivas e ou semelhantes, no caso desta exposição isto era muito presente pela fonte de informações mais utilizadas serem reportagens e notícias.

Essa curadoria detalhada, conduzida pela equipe curatorial e revisada pela direção do MuDI reflete um esforço em selecionar temas e acervos que dialoguem com os objetivos da exposição. A pesquisa que fundamentou o trabalho deu especial atenção a diferentes meios de comunicação, como jornais e bancos de notícias. Ela valorizou tanto veículos de grande alcance quanto iniciativas independentes, além de mídias dedicadas à temática indígena no Brasil. Esse esforço assegura que a exposição não apenas contextualize a pandemia como um fenômeno de uma epidemia global, mas também dê visibilidade às vozes e experiências frequentemente marginalizadas no discurso dominante.

No momento em que este artigo é escrito, a exposição ainda se encontra disponível no site, acompanhada de desdobramentos que continuam a acontecer. Entre eles, destacam-se as atividades educativas que vão além do ambiente virtual, alcançando escolas para promover discussões sobre a temática. Uma dessas atividades em escola já foi realizada abordando as discussões propostas na exposição, e há planos para ampliar e aprofundar essas iniciativas no futuro, com mais rodas de conversa e atividades na universidade e nas escolas. Outro aspecto em desenvolvimento é a criação de uma página no site dedicada a recomendações de artistas indígenas. Essa página terá como objetivo incentivar o público a entrar em contato com diversas expressões artísticas, como cinema, música, pintura, literatura e outras manifestações culturais. A intenção é valorizar e ampliar a visibilidade dessas produções, promovendo o reconhecimento da diversidade cultural indígena no Brasil.

Referências bibliográficas

BARRETO, Maurício Lima; BARROS, Aluisio Jardim Dornellas de; CARVALHO, Marília Sá; CODEÇO, Claudia Torres; HALLAL, Pedro Rodrigues Curi; MEDRONHO, Roberto de

Andrade; STRUCHINER, Claudio José; VICTORA, Cesar Gomes; WERNECK, Guilherme Loureiro. O que é urgente e necessário para subsidiar as políticas de enfrentamento da pandemia de covid-19 no Brasil? *Revista Brasileira de Epidemiologia*, v. 23, 2020.

DIAS, Renato Duro. Governamentalidade, Biopolítica e Vida Precária: A Pandemia de covid-19 no Brasil. *Revista Eletrônica do Curso de Direito*, Santa Maria, v. 15, n. 2, p. 1-26, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revistadireito/article/view/43634/pdf>. Acesso em: 20 jan. 2025.

FALAVIGNA, Maicon et al. Diretrizes para o tratamento farmacológico da COVID-19. Consenso da Associação de Medicina Intensiva Brasileira, da Sociedade Brasileira de Infectologia e da Sociedade Brasileira de Pneumologia e Tisiologia. *Revista Brasileira de Terapia Intensiva*, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 166-196, 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-507X2020000200166&lng=pt&nrm=iso.

GORTÁZAR, Naiara Galarraga. O último ancião Juma morre de covid-19 e leva para o túmulo a memória de um povo aniquilado no Brasil. *El País*, São Paulo, 19 fev. 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-02-19/o-ultimo-anciao-juma-morre-de-covid-19-e-leva-para-o-tumulo-a-memoria-de-um-povo-aniquilado-no-brasil.html>. Acesso em: 20 jan. 2025.

KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LEWIS, Geoffrey. *Como gerir um museu: Manual prático*. Brodowski, SP: Associação Cultural de Apoio ao Museu Casa de Portinari; São Paulo: Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo, 2015.

SMITH, Linda Tuhiwai. *A descolonizar las metodologías: Investigación y pueblos indígenas*. 1. ed. Santiago: Lom Ediciones, 2016.

VILUTIS, Luana. Nosso presente comum: o que a pandemia pode nos ensinar sobre o desenvolvimento sustentável? *Boletim Observatório da Diversidade Cultural*, Cultura e Pandemia, v. 89, n. 03, 2020.